

Por uma abordagem holística da espiritualidade pentecostal

Towards a holistic approach to pentecostal spirituality

Jacqueline Zioldo¹
Cezar Augusto Flora²

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão a respeito da natureza das categorias de análise empregadas para avaliação da espiritualidade pentecostal. Com pouco mais de cem anos, o movimento pentecostal mostra força e se expande de forma significativa no mundo, animado por uma espiritualidade vibrante. Porém, procuramos mostrar como abordagens racionalistas, que priorizem a dimensão intelectual dos fiéis, falha em reconhecer a peculiaridade dessa forma de espiritualidade cristã, por operarem com uma imagem antropológica limitada e altamente intelectualizada. Em contraposição, propomos que uma abordagem que faça jus à natureza singular desse fenômeno precisa fundamentar-se em categorias mais holísticas, ou seja, em categorias que reconheçam a validade epistêmica de outras dimensões da pessoa humana enquanto fundamentais para a experiência de habitar o mundo, tais como sensibilidades e saberes afetivos. Por fim, pontuamos que a espiritualidade pentecostal tanto exige categorias mais holísticas quanto funciona como um caso limite capaz de levantar um sólido questionamento contra pressupostos e categorias racionalistas empregados para avaliação de outras formas de espiritualidade.

Palavras-chave: pentecostalismo, abordagem racionalista, abordagem holística

Abstract: This article proposes a reflection on the nature of the analytical categories used to evaluate Pentecostal spirituality. Just over a hundred years old, the Pentecostal movement is showing strength and expanding significantly

Recebido em 31 de outubro de 2023
Aceito em 12 de março de 2025

¹ Doutora em Ciências as Religião (UMESP); docente e coordenadora do PPG de Mestrado Profissional em Teologia da Faculdade Sul Americana;

² Mestrando em Teologia (FTSA); docente e coordenador da CGP da Faculdade Teológica Sul Americana.

throughout the world, animated by a vibrant spirituality. However, we seek to show how rationalist approaches, which prioritize the intellectual dimension of the faithful, fail to recognize the peculiarity of this form of Christian spirituality, as they operate with a limited and highly intellectualized anthropological image. In contrast, we propose that an approach that does justice to the unique nature of this phenomenon needs to be based on more holistic categories, that is, on categories that recognize the epistemic validity of other dimensions of the human person as fundamental to the experience of inhabiting the world, such as sensibilities and affective knowledge. Finally, we point out that Pentecostal spirituality both requires more holistic categories and functions as a limiting case capable of raising a solid question against rationalist assumptions and categories used to evaluate other forms of spirituality.

Keywords: Pentecostalism, rationalist approach, holistic approach

Introdução

Sendo um fenômeno religioso moderno, do início do século XX, o pentecostalismo tem sido estudado por várias áreas do saber como sociologia, antropologia e história, além, obviamente, das discussões teológicas distintas sobre seus pressupostos. Com mais de um de um século de história, o pentecostalismo continua apresentando crescimento quantitativo em vários países, tendo reservadas as suas características iniciais de quando eclodiu com grande força nos Estados Unidos da América (EUA). No Brasil, segundo o último Censo (2010), esse grupo religioso foi o que apresentou maior crescimento.

A origem histórica do pentecostalismo remonta ao ano de 1900. Nesse ano, na cidade de Topeka, Charles Fox Parham, um pregador norte-americano, abriu a Bethel Bible School. Inspirado pela crença de que a segunda vinda de Jesus Cristo ocorreria nos passos de um avivamento global vinculado a um movimento de evangelização mundial, ensinou aos seus alunos que eles eram a geração encarregada do evangelismo mundial. Para Parham, o modelo para este derramamento do Espírito Santo deveria ter como modelo a experiência de Atos 2. Assim, é nesse contexto que, em 1 de janeiro de 1901, Agnes Ozman recebeu o “batismo no Espírito Santo”, com a evidência inicial do falar em línguas (glossolalia). Porém, para seu desânimo, o movimento cresceria sem ele. William Seymour, um negro norte-americano, figurará como uma figura de maior destaque no movimento. Convencido pela doutrina de Parham sobre “as evidências bíblicas” do batismo no Espírito Santo, mudou-se para Los Angeles, em 1906, onde iniciou a Missão da Rua

Azuza. Esses são dois pontos significativos para a origem histórica do pentecostalismo moderno.

No entanto, em pouco tempo o estilo de adoração da Missão da Rua Azuza tornou-se alvo de controvérsias, inclusive gerando um choque entre Seymour e Parham. Em setembro de 1906, o Dr. R. J. Burdette, pastor da Igreja Batista do Templo, descreveu as reuniões da Rua Azuza como “uma amotinação repugnante da superstição africana de vodu e insanidade caucasiana”³. Ao chegar em Los Angeles, e tomar conhecimento da publicidade negativa em relação ao movimento da rua Azuza, Parham achou difícil aceitar aquele estilo ruidoso de adoração, especialmente também pela mescla de adoradores negros e brancos⁴. Após ter sua tentativa de assumir o controle da Rua Azuza repelida pela liderança da comunidade local, Parham iniciou suas próprias reuniões em Los Angeles e arredores. Em uma dessas reuniões, um de seus assistentes anunciou que essas reuniões eram dignas, não tendo nenhuma conexão “com o tipo que se caracteriza por transes, ataques e espasmos, sacudidos, sacudidas e contorções”⁵. No entanto, como Robeck pontua, infelizmente é mais provável que Parham estivesse preocupado menos com excessos genuínos do que com o domínio de um estilo de adoração afro-americano negro⁶.

O fato é que o pentecostalismo crescia e era visto como um movimento exótico e estranho. Seria um erro desconectar o pentecostalismo dos movimentos carismáticos que já ocorriam em todo o solo estadunidense, que, por sua vez, vieram no bojo de desdobramentos sociorreligiosos do protestantismo naquele país. É fato que desde seu início o protestantismo nasceu plural, mas mesmo com a abrangência das denominações e das diferentes tendências de teologias e cultos das denominações protestantes, sempre houve uma linha demarcatória sobre as experiências religiosas bem-vindas, esperadas, legítimas. Mas o pentecostalismo emerge, por muitas questões cujo escopo desse artigo não nos permite trazer, de forma diferenciada, inovadora, praticamente contrastante com o meio no qual fora gestado. Um radicalismo lhe confere uma marca especial e um novo tipo de espiritualidade que, ao mesmo tempo, cria a cisão e os julgamentos imediatos de outros grupos religiosos.

³ *New Religions Come, Then Go*, Los Angeles Herald, 24 de setembro de 1906, p. 7. Disponível em: <https://www.newspapers.com/image/78275958/>. Acesso em 30/10/2023

⁴ ROBECK, Cecil M. William J. Seymou e “a evidência bíblica”. In: MCGEE, Gary (Ed). *Evidência inicial: perspectivas históricas e bíblicas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito*. NatalNatal: Carisma, 2019, p. 115

⁵ W. Quinton *apud* ROBECK, 2019, p. 116

⁶ ROBECK, 2019, p. 117

Dito de outra forma, o pentecostalismo foi uma radicalização ao que já estava posto. Aqui reside um ponto nevrálgico sobre a “identidade protestante”, ou não, do pentecostalismo. Tanto no senso comum, quando na academia, as opiniões são divergentes, ainda mais quando ambos os grupos são inseridos na terminologia “evangélicos”. E é dentro desse contexto que precisamos entender os tipos de análises do pentecostalismo, que, desde sua gênese, partem de conceitos e categorias que estão previamente posicionadas e colocam em dúvida a legitimidade religiosa do fenômeno.

Sem dúvida, na época em questão e considerando a discussão interna ao campo religioso, as opiniões divergentes refletiam a tensão entre uma experiência protestante e uma experiência pentecostal na luta pela legitimidade do que era considerado o certo - e por consequência, o errado. Mas cabe questionarmos a presença de um tipo de mentalidade por detrás de algumas opiniões, que serviu de base ao racionalismo protestante, bem como se retroalimenta, ainda hoje, dele. Nesse sentido é que buscamos sair das abordagens racionalistas e buscar um tipo de análise que pode dar conta de explicar esse fenômeno partindo do pressuposto de sua legitimidade religiosa e o tratando como uma nova forma de espiritualidade.

Ou seja, é preciso trazer as bases dessa espiritualidade pentecostal, que a distingue das outras que já estavam colocadas e alicerçadas historicamente e institucionalmente à sua época, a partir de novas concepções não reducionistas. Para isso é preciso, em primeiro lugar, elencar fatores ou elementos que possam dar conta de caracterizar uma espiritualidade pentecostal.

Dentre os valores implícitos à espiritualidade pentecostal-carismática, apontados por Russel Spittler⁷, três são significativos para o ponto a ser apreciado no presente artigo. Primeiro, em virtude da ênfase na atuação do Espírito Santo, um destaque especial é concedido à experiência pessoal. Segundo, embora os pentecostais venham produzindo uma literatura teológica substancial, a espiritualidade pentecostal não pode ser corretamente apreciada sem levar em conta o papel da oralidade, a função fundamental da palavra falada. Por último, aberta aos impulsos imprevisíveis do Espírito Santo, que guia a vida e os encontros comunitários, essa espiritualidade é marcada pela espontaneidade. Esses pontos, que podem ser considerados como valores que formam a base da espiritualidade pentecostal desde sua gênese e que ainda se fazem presente de forma latente no pentecostalismo do século

⁷ SPITTLER, Russel P. Spirituality, Pentecostal and Charismatic. In: BURGESS, Stanley M. (Ed.). *The New International Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements*. Zondervan, 2010.

XXI, também colocam a proposição de um referencial teórico mais afim à sua natureza e singularidade como um dos desafios para o estudo da espiritualidade pentecostal.

1. Os limites de uma abordagem racionalista

James K. A. Smith⁸ problematiza abordagens antropológicas que operam a partir de uma imagem extremamente racionalista e cognitivista da pessoa humana, e que tendem a “produzir uma exposição exageradamente intelectualizada do que significa ser ou tornar-se cristão”⁹. Segundo essa imagem intelectualista, o ser humano é definido fundamentalmente como uma coisa que pensa. O autor tece a crítica de que as pessoas acabam sendo definidas pelo pensamento e isso estaria relacionado a uma descorporalidade funcional. Por fim, em tom sarcástico, pontua que, a partir dessa imagem, “o que nutre ou alimenta o ‘eu’ é uma dieta regular de ideias, suprida de alguma forma intravenosa na mente, por meio das linhas de proposições e de informações”¹⁰. A partir dessa perspectiva racionalista não é possível reconhecer a validade de uma espiritualidade para a qual o sentido da experiência de Deus é tão distintivo quanto – ou até mais distintivo que – “sua teologia ou sua estrutura eclesial”¹¹. Para Smith, essa perspectiva não dá conta nem sequer da própria natureza da espiritualidade cristã em geral.

Smith pontua que a própria tradição reformada, com o deslocamento da questão para a linha da cosmovisão, evoluiu para uma crítica aos construtos racionalistas do cristianismo. Segundo essa perspectiva, o ser humano é aquele que crê, pois são as crenças que governam a orientação e o comportamento primordial das pessoas em relação ao mundo. Por não haver um ponto de partida neutro, o pensamento “é uma maneira concreta de ver o mundo que se baseia em fé ou confiança prévios”¹², mas ainda que seja um passo na direção correta, Smith pontua que essa abordagem ainda pensa no ser humano de forma individualista e descorporificada. As crenças orientadoras ainda parecem muito desligadas do corpo, tendo “pouca ou nenhuma

⁸ SMITH, James K. *Desejando o reino: culto, cosmovisão e formação cultural*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

⁹ SMITH, 2018, p. 42

¹⁰ SMITH, 2018, p. 42

¹¹ ALBRECHT, Daniel E.; HOWARD, Evan B. Pentecostal Spirituality. In:

ROBECK, Cecil M.; YONG, Amos. *The Cambridge Companion to Pentecostalism*. New York: Cambridge University Press, 2014 (livro digital)

¹² SMITH, 2018, p. 43.

ligação com as coisas que faço *como* corpo e, portanto, com pouquíssima conexão com outros com quem meu corpo interage, com aqueles que ele abraça, acolhe e toca”¹³.

É possível indicar a devoção quádrupla a Jesus Cristo como Salvador, Batizador do Espírito, Curador e Rei Vindouro como crenças articuladoras da cosmovisão pentecostal, todavia, a discussão ainda fica parecida com a do modelo racionalista, não reconhecendo o papel singular da dimensão corpórea e do envolvimento no culto comunitário.

2. Rompendo a abordagem racionalista

Steven Land define espiritualidade como “a integração de crenças e práticas nos afetos que são evocados e expressos por essas crenças e práticas”¹⁴. Esta definição aponta para uma dimensão humana que precisa ser levada em conta na compreensão da singularidade espiritualidade pentecostal-carismática, a dimensão dos afetos. Convém pontuar que não se trata de uma simples proposta de equilíbrio entre mente e coração, mas de verdadeira integração entre eles realizada pela afetividade. Aqui se mostra o limite das abordagens que operam com uma imagem primariamente racionalista (ideias ou crenças), pois deixam escapar essa dimensão fundamental do humano. Desta forma, uma boa apreciação da singularidade da espiritualidade pentecostal-carismática requererá uma reflexão antropológica mais holística, que, acolhendo o corpo, integre a compreensão afetiva como um possível elemento fundamental da experiência humana.

Se outrora, em termos racionalistas, uma abordagem holística da pessoa humana envolveria apenas a proposta de um balanço entre razão e emoções, agora, tendo em vista o questionamento pós-moderno da dicotomia entre elas, torna-se possível o desenvolvimento de categorias mais integradoras e holísticas, que sejam mais afins à espiritualidade pentecostal.

Para Steven Land, o reconhecimento dessa integração holística não implica na defesa de um mero emocionalismo intenso, fundamentado em uma série de emoções episódicas. Land pontua que o pentecostalismo, desde suas origens, sempre reconheceu os perigos do sentimentalismo barato, e manteve posicionamento crítico¹⁵. Mas isso não diminui o fato

¹³ SMITH, 2018, p. 44, 45

¹⁴ LAND, Steven Jack. *Pentecostal Spirituality: A Passion for the Kingdom*. London, New York: Sheffield Academic Press, 2003, p. 13

¹⁵ Essa advertência é um mote comum na literatura pentecostal. A *Teologia Sistemática*, organizada por Stanley Horton, tem sido um livro base para a

de que “a participação na adoração e no testemunho pentecostal ao longo do tempo produz uma transformação afetiva na qual vidas são formadas e moldadas pela sua experiência com Deus”¹⁶.

A fim de propor um referencial para a colocação da questão, Land busca na tradição cristã algumas vertentes - com origens anteriores ao pentecostalismo - que contribuem para a proposição dessa visão mais holística da espiritualidade pentecostal. Vinculado à uma tradição de pensadores cristãos que defendem a importância dos afetos religiosos na compreensão da vida cristã, Land pontua que os afetos são mais do que meros sentimentos, pois estão diretamente vinculados a um tipo de fé que “é constituída por uma nova disposição do coração que ordena todos os poderes da emoção, da percepção, da vontade e do entendimento”¹⁷.

O caminho proposto por Land, ao resgatar a dimensão dos afetos, traz consigo uma imagem mais holística da pessoa humana. O resgate dessa imagem é um dos focos do pensamento de James Smith, que concebe o humano como um “agente encarnado do desejo ou do amor”¹⁸. Segundo ele,

Esse modelo agostiniano de pessoa humana resiste ao racionalismo e ao quase racionalismo dos modelos anteriores, ao deslocar o centro de gravidade da identidade humana, por assim dizer, das regiões intelectuais da mente para as regiões centrais do corpo, em especial, o *kardia* – as entranhas ou o coração. O ponto a ser enfatizado é que a maneira em que estamos inseridos no mundo não é basicamente como pensadores, ou mesmo crentes, mas como criaturas

reflexão teológica no Brasil, desde a publicação de sua primeira tradução na década de 90, pela CPAD. Nela, Railey e Aker (2020, p 43-63), em um capítulo sobre os “Fundamentos Teológicos” do pentecostalismo, pontuam a experiência como um dos fatores fundamentais para o pentecostalismo. Porém, pontuam que é necessário que haja uma fonte fidedigna (nesse caso, as Escrituras) de autoridade que esteja além dos aspectos variáveis que marcam a experiência, pois “não é fidedigna a experiência isolada e que se arvora como fonte de autoridade para revelar a mediação de Deus” (p. 49). Assim, como proposto no presente artigo, as emoções não são compreendidas como meros sentimentos episódicos, mas como parte de um conjunto de crenças e práticas que, embora evoquem as emoções, não implica na abertura ao emocionalismo (o que pode ocorrer em alguns grupos), pois há o convite para uma experiência holística, integradora das diferentes dimensões que constituem o humano.

¹⁶ LAND, 2003, p. 130

¹⁷ SALIERS, apud LAND, 2003, p. 133

¹⁸ SMITH, 2018, p.47

afetivas, dotadas de um corpo, que abrem caminho pelo mundo sentindo-o à nossa volta.¹⁹

Baseado nesse conceito de pessoa humana, James Smith salienta a importância da corporeidade²⁰. Ao invés de máquinas desencarnadas, Smith parte daquilo que chama de condição criacional: corporeidade, finitude, sociabilidade e complexidade do ser-no-mundo. Nesse sentido, a forma primeira do ser humano lidar com o mundo não é o intelecto, mas a percepção corpórea do sentido do mundo. O “corpo percebe o mundo de formas que são intencionais sem serem intelectuais”²¹. Assim, sejam quais forem os fatos de uma determinada situação, eles são primeiramente entendidos à luz de um antecedente afetivo.

Smith não nega o papel do intelecto, mas questiona a primazia concedida a essa faculdade pelas filosofias intelectualistas quanto a ação humana, que pode ser resumida na expressão: “aquilo que faço é resultado do que penso”²². Para o autor, se a espiritualidade tem impacto sobre o agir humano, deve fornecer mais do que meras ideias ao intelecto, pois esse impacto não se restringe a uma questão de propagar regras e princípios. Isso requer o treinamento das emoções, a fim de que estejam preparadas para assimilar e avaliar situações de modo satisfatório.

Nesses termos, a reflexão proposta por Smith se situa dentro de uma perspectiva da orientação pré-teórica fundamental para com o mundo, que pergunta pela importância da orientação pré-intelectual, e não intelectual. Aqui entra em cena a imaginação, “uma espécie de faculdade organizadora de nível médio que constrói o mundo para nós de um modo primordialmente afetivo”²³. É por meio dela que o ser humano interpreta o mundo em um nível pré-cognitivo, numa esfera estética intimamente associada ao corpo. E é da forma como o mundo é imaginado que brotam as ações. A corporeidade, assim, se apresenta como um elemento chave para Smith.

Na constituição dessa navegação pré-teórica pelo mundo, Smith pontua o papel das narrativas e das práticas na constituição da imaginação²⁴. Quanto às narrativas, são elas que treinam o aparato perceptivo emocional, influenciando a perspectiva tácita sobre o mundo. São elas que preparam e moldam as orientações mais básicas e passionais para com o mundo. Ante qualquer conceituação, permanece uma dimensão irreduzível das narrativas. Elas não se esgotam em conceitos.

¹⁹ SMITH, 2018, p.47

²⁰ SMITH, James K. *Imaginando o Reino: a dinâmica do culto*. São Paulo: Vida Nova, 2019

²¹ SMITH, 2019, p.55

²² SMITH, 2019, p.53

²³ SMITH, 2019, p.39

²⁴ SMITH, 2019

Quanto às práticas, em contraposição a ideia de que o ser humano é um animal autônomo, que flutua no mundo sem nenhum impedimento, Smith, traz o conceito bourdieusiano de *habitus*. Tal conceito, muito importante na sociologia de Pierre Bourdieu, é entendido como um “sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”.²⁵

Ou seja, o *habitus* é sempre maior que o indivíduo, sendo uma disposição comunitária e coletiva, que é internalizado. Nesse sentido, o *habitus* é tanto durável quanto transponível e condiciona a visão de mundo, as formas de sentir, a corporeidade. Aqui nos interessa esse conceito, não só no aspecto da análise do pentecostalismo, mas na base estrutural (porque estruturada e estruturante) de todas as formas de experiência e expressão religiosa. Elas são permeadas pelo *habitus*, são aprendidas, repetidas e, dessa forma, legitimam internamente determinados modos como autênticos, em detrimento de outros descartados.

Para além de uma conscientização (pensada no sentido racional do termo) o *habitus* é incorporado em todo o ser, de um modo que o indivíduo não perceba esse processo. Clóvis Barros Filho e Luis Mauro Sá Martino afirmam que “nem sempre o saber prático é conscientemente aprendido e aplicado. Isso porque, a observação de uma sequência de ação gera, espontaneamente, expectativa dessa mesma sequência”²⁶. Ou seja, trata-se de uma pedagogia implícita, cinestésica, capaz de instilar toda uma cosmologia que não se dá em um nível racionalizado e sistematizado do comportamento. Uma cosmologia que não é instilada pela propagação de ideias, crenças e doutrinas, mas, sim, através de medidas oblíquas que operam no corpo. O corpo é aprendiz mesmo quando não se dá conta disso. Trazendo novamente as palavras de Smith “O *habitus* é adquirido, aprendido, pelas pedagogias encarnadas que de maneiras oblíquas, alusivas e perspicazes trabalham no corpo e, desse modo, orientam a pessoa toda”²⁷. Ou seja, há uma lógica da prática que não se reduz ao conhecimento teórico/intelectual, uma dimensão irredutível a conceitos. Essa lógica específica da prática reconhece, assim, a irredutibilidade da crença aplicada. Para nós é sobre isso que fala Smith: é preciso pensar o papel singular das formas pré-teóricas de estar

²⁵ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1987, p. 191.

²⁶ BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003, p.64.

²⁷ SMITH, 2018, p. 120.

no mundo e, nesse sentido, o autor contribui para romper com as abordagens racionalistas sobre a espiritualidade e possibilita que caminhemos em uma visão holística do pentecostalismo, que, por sua vez, abarque a corporeidade como instância da experiência religiosa.

4. Propostas de abordagens holísticas à espiritualidade pentecostal

A partir dessa discussão, avaliaremos algumas definições de espiritualidade pentecostal propostas por autores pentecostais em busca de compreensão da singularidade de sua forma de vivência da fé. Russel Spittler²⁸ abre seu verbete sobre espiritualidade pentecostal e carismática com uma definição geral de espiritualidade: “espiritualidade se refere a um conjunto de atos (*acts*) e sentimentos (*sentiments*) que são informados pelas crenças e valores que caracterizam uma comunidade religiosa específica”²⁹. Em um segundo momento, descreve quatro valores apontados por ele como característicos dessa espiritualidade: experiência, oralidade, espontaneidade e autoridade bíblica. Esses valores, junto com determinadas crenças, são passíveis de serem combinados de formas distintas, produzindo uma constelação de práticas características à espiritualidade pentecostal carismática: falar em línguas, oração para cura divina, o levantar e a imposição de mãos, dançar ou cair no Espírito e outras. Assim, para Spittler, o que torna um conjunto de atos e sentimentos distintamente pentecostais não é simplesmente uma certa junção desses elementos que caracteristicamente são atribuídos ao pentecostalismo, mas o fato de serem informados por determinadas crenças e valores. É certo que atos e sentimentos são, de certa forma, informados por crenças e valores, porém, essa relação ainda é colocada a partir de um forte matiz intelectualista por não explorar, também, o papel desses atos e sentimentos para uma orientação pré-teórica de mundo, e quiçá, para a própria elaboração das crenças e valores.

Albrecht e Howard³⁰ pontuam que a espiritualidade cristã fala da experiência vivida de fé, da experiência abrangente da pessoa com Deus. Os autores indicam quatro elementos que moldam o caráter desse relacionamento: crenças, práticas, valores e sensibilidades. Essa

²⁸ SPITTLER, Russel P. Spirituality, Pentecostal and Charismatic. In: BURGESS, Stanley M.; MCGEE, Gary B.; ALEXANDER, Patrick (Ed). *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1988.

²⁹ SPITTLER, 1988, p. 804

³⁰ ALBRECHT & HOWARD, 2014 (livro digital)

definição introduz um elemento novo em relação à definição de Splitter, a sensibilidade. Albrecht e Howard descrevem as sensibilidades como atitudes habituais ou capacidades para ser afetado de certas maneiras, de modo a indicarem determinadas predisposições comunitárias que grupos pentecostais perceberem e responderem ao Espírito de Deus do modo distinto. Segundo os autores,

A espiritualidade pentecostal está programada para perceber e responder às influências do Espírito Santo. Por exemplo, se examinarmos a dinâmica da liturgia pentecostal, é possível identificar uma série de modos distintos de sensibilidade presentes, muitos dos quais são orientados em torno da obra do Espírito Santo. Existe um modo de celebração, caracterizado pela espontaneidade e expressividade dentro do Espírito. Existe um modo de contemplação, um “esperar” ou “estar aberto” no meio da reunião. Existe um modo de êxtase, quando o Espírito Santo se move e a pessoa experimenta uma inundação da influência do Espírito. E há um modo de improvisação, seguindo a orientação do Espírito de um momento para o outro da reunião. Todos esses “modos” de presença numa reunião são atitudes habituais, sensibilidades incorporadas no culto pentecostal ou no serviço evangelístico.³¹

A capacidade de ser afetado de certas maneiras desloca a questão da espiritualidade para além da descrição de crenças, valores e práticas para uma dimensão pré-teórica de se estar no mundo. De modo que a abertura para a experiência deixa de ser um simples valor, adquirindo os contornos de uma forma de orientação, de percepção. No entanto, apesar de Albrecht e Howard pontuarem essa nova dimensão, não exploram os efeitos dessas sensibilidades sobre os próprios valores e crenças.

A definição de espiritualidade de Steven Land, supracitada, de certa forma ajuda aprofundar a pista apresentada por Albrecht e Howard. A cisão moderna entre razão e emoções delimita a dimensão privada da vida como o lugar próprio para habitação dos sentimentos irracionais. Delimitação que deixa transparecer certo preconceito para com a dimensão afetiva. No entanto, para Land, os afetos são mais do que sentimentos episódicos, neles há uma modelagem e determinação distintas que resultam de sua pertinência à história bíblica e que evidenciam as marcas de uma determinada localização comunitária e

³¹ ALBRECHT & HOWARD, 2014 (livro digital)

histórica³². Pelo fato de os primeiros pentecostais entenderem o derramamento do Espírito como o cumprimento de profecias referentes aos “últimos dias”, sua razão de existir estava relacionada com o cumprimento de um mandato global de evangelização nesses últimos dias, no poder o Espírito Santo. Para Land, essa visão apocalíptica conferiu uma lógica distintiva para as crenças e práticas pentecostais.

As práticas pentecostais eram aquelas ações empreendidas com base nas crenças, expressivas e formativas dos afetos, e impactadas pela irrupção do reino de Deus em poder e manifestações espirituais... Não se pode compreender a espiritualidade pentecostal sem a exposição às práticas congregacionais e individuais de adoração e testemunho sob a influência do fim dos tempos. As crenças sobre a Bíblia, a Segunda Vinda, o Espírito Santo, a vida cristã e a própria adoração são expressas e moldadas por essas práticas.³³

A proposta de Land merece destaque pelo fato de que garante um espaço significativo para uma dimensão da pessoa humana para além do intelecto, e reconhece sua plena validade para compreensão da espiritualidade pentecostal: o núcleo integrador da espiritualidade pentecostal são afeições apocalípticas. Por outro lado, também confere um papel singular ao corpo, ao pontuar a importância da imersão do fiel nas práticas congregacionais no processo de formação dos afetos – o que nos coloca a uma boa distância da ideia de uma dieta regular de ideias.

Na linha argumentativa que propomos até aqui, os conceitos de sensibilidade (Albrecht & Howard) e de afeto (Steven Land) ajudam na composição de um quadro de conceitos que, de alguma forma, partilham entre si o acolhimento de uma dimensão da pessoa humana que não traz como sua característica primária a intelectualidade. A análise dessa dimensão ganha nova luz a partir de outro passo significativo de James Smith³⁴ que, buscando maior afastamento das abordagens racionalistas, foca na legitimidade epistemológica de uma orientação passional para com o mundo, um registro anterior às articulações proposicionais. Essa orientação passional aponta para uma forma de sintonia afetiva que guia nossa experiência do próprio mundo. A partir dessa perspectiva, Smith propõe que

³² LAND, 2003, p. 44

³³ LAND, 2003, p. 97

³⁴ SMITH, James K. A. *Pensando em línguas: contribuições pentecostais para a filosofia cristã*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova, 2020.

a espiritualidade pentecostal é um nexo de práticas que nos posicionam para imaginar o mundo de uma maneira determinada, para “construir” o mundo com base em uma interpretação impregnada pelo Espírito. A práxis da espiritualidade pentecostal traz uma formação de modo afetivo tanto das nossas disposições quanto do nosso entendimento (*Verstehen*). O imaginário social pentecostal exige a prática; ele constitui a própria prática uma cosmovisão pentecostal em primeiro lugar está integrada a uma constelação de práticas espirituais que transmitem um entendimento implícito dentro delas³⁵.

Ao final desse percurso, Smith nos permite abraçar a dimensão corpórea, reforçando nossa proposta de que um conceito de espiritualidade pentecostal que busque fazer jus à natureza dessa espiritualidade deve trabalhar com um conceito de experiência religiosa corporificada, e reconhecer “o caráter engajado e corporificado de nosso estar-no-mundo”³⁶.

Considerações finais

O pentecostalismo (no sentido mais lato da dimensão carismática da manifestação do Espírito Santo) cresceu significativamente no mundo, desde os inícios do século XX, encontrando expressão nas diferentes grandes tradições do cristianismo. No entanto, sua entrada em um mundo marcado pelo racionalismo, trouxe desafios singulares para sua assimilação. Por um lado, significou um desafio para as expressões cristãs mais racionalistas, que reduziram a fé ao assentimento de um conjunto de ideias. Por outro, para os referenciais das ciências humanas, o racionalismo também trouxe desafios para análise do fenômeno pentecostal crescente. Nesse contexto, por não se enquadrar nos cânones racionalistas, o pentecostalismo beira ao irracionalismo. Desta forma, tanto para os críticos externos quanto para os adeptos do movimento que buscavam uma teorização sobre a experiência pentecostal viam-se em dificuldades para uma avaliação da singularidade dessa forma de espiritualidade, que requer abordagens mais holísticas.

³⁵ SMITH, 2020, p. 69

³⁶ SMITH, 2020, p. 171

O objetivo principal desse artigo foi mostrar que não é possível analisar o pentecostalismo sem uma abordagem holística, que não reconheça a legitimidade epistêmica de outras dimensões da pessoa humana, menos focadas no intelecto. Isso de forma alguma significa afirmar que a espiritualidade pentecostal tenha alguma coisa a dever quando ao nível de argumentação intelectual – a produção teológica dos pentecostais está aí para mostrar o vigor intelectual do movimento. Porém, caso essa dimensão seja posta como principal foco de análise, perde-se muito daquilo que a espiritualidade pentecostal pode oferecer.

Porém, ao trazermos abordagens holísticas para a análise da espiritualidade pentecostal, isso não significa reivindicar categorias exclusivas ao pentecostalismo. Cremos ser possível encarar o pentecostalismo como um caso limite capaz de levantar um sólido questionamento contra pressupostos e categorias modernos que operam com uma oposição muito marcada entre razão e afetos, conferindo uma primazia excessiva à primeira³⁷. Trata-se, portanto, não de apresentar uma forma única e totalizante da abordagem do fenômeno, mas de provocar uma reflexão para outras vieses de análise que não carreguem a antiga oposição entre o racional e o “irracional”. Desta forma, a exigência que a espiritualidade pentecostal coloca, por fim lança luz sobre todo o campo, pois a pertinência epistêmica da orientação passional para com o mundo e o papel fundamental da corporalidade reclamam atenção, apontando para a necessidade de abordagens antropológicas mais holísticas e menos racionalistas. Nossa proposta é a integralidade da análise, a partir da integralidade do fenômeno.

Referências

ALBRECHT, Daniel E.; HOWARD, Evan B. Pentecostal Spirituality. In: ROBECK, Cecil M.; YONG, Amos. *The Cambridge Companion to Pentecostalism*. New York: Cambridge University Press, 2014 (livro digital)

³⁷ O presente artigo faz parte de uma série de pesquisas exploratórias sobre a natureza da espiritualidade pentecostal. Os autores reconhecem a necessidade da proposição de ferramentas para aferição e avaliação da dimensão subjetiva evocada. No entanto, para os propósitos do presente artigo, entendemos que nosso objetivo principal é chamar atenção para os limites das abordagens racionalistas, como justificativa para a exploração de abordagens holísticas, que reconheçam a legitimidade dos afetos para além de uma oposição dualista e excludente.

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1987.

LAND, Steven J. *Pentecostal Spirituality: A Passion for the Kingdom*. London, New York: Sheffield Academic Press, 2003.

SMITH, James K. *Desejando o reino: culto, cosmovisão e formação cultural*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

SMITH, James K. *Imaginando o Reino: a dinâmica do culto*. São Paulo: Vida Nova, 2019.

SMITH, James K. *Pensando em línguas: contribuições para a filosofia cristã*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova, 2020.

SPITTLER, Russel P. Spirituality, Pentecostal and Charismatic. In: BURGESS, Stanley M. (Ed.). *The New International Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements*. Zondervan, 2010